



REPRESENTAÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS NA REVISTA *O MALHO*: CONSIDERAÇÕES ENTRE SIMBOLISMO NACIONAL, CIVILIZAÇÃO E O EXÓTICO (1902-1953)

Jonathas Trindade da SILVA¹;
Raquel Discini de CAMPOS²;

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho integra uma dissertação em desenvolvimento que examina e realiza um mapeamento de como os diferentes gêneros narrativos sobre a temática indígena (verbo-visuais) foram publicados em uma das maiores e mais importantes revistas ilustradas da primeira metade do século XX: *O Malho*. Toda a pesquisa objetiva responder a algumas perguntas, como, por exemplo: é possível compreender como as representações dos povos indígenas no impresso influenciaram a formação das pessoas dentro de uma determinada estrutura social? De que maneira a cultura escrita e visual, na primeira metade do século XX, criou formas de olhar para essas sociedades? Essas questões se amparam no pensamento de Certeau (1982), que vê a análise desses “problemas de sentido” como janelas para compreender as construções de significados durante a história.

Já para o campo da História da Educação, o estudo se impõe com particular singularidade. *O Malho*, na condição de artefato cultural de vasta circulação em sua época, fomentou uma sofisticada estratégia da educação do olhar por meio de seus regimes de representações verbo-visuais. Seu grande acervo de publicações composto por charges, caricaturas, fotografias e reportagens, não constituía um repertório neutro; antes, operava como um dispositivo também pedagógico (Lustosa, 2003) que instruía seu público leitor sobre alguns estratos da sociedade brasileira, especificamente os povos indígenas e suas culturas, sob o prisma de um imaginário social e editorial pré-determinado (Galvão, 2002).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No aspecto metodológico, é importante destacar a advertência de Luca (2006), que nos lembra que as fontes relacionadas a imprensa são muito diversas e oferecem inúmeras possibilidades de pesquisa, tornando impossível definir um único método ou técnica capaz de abarcar toda essa variedade. Essa concepção metodológica é também discutida por Campos

¹ Historiador e mestrando em educação na Universidade Federal de Uberlândia (PPGED). E-mail: jonathastrindades@gmail.com

² Dr^a Prof^a efetiva da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Uberlândia (PPGED). E-mail: raqueldiscini@uol.com.br.





(2012), que compara o trabalho metodológico do pesquisador ao de antigas corporações medievais, algo que não pode ser totalmente padronizado ou explicado de forma rígida, pois se constrói na prática cotidiana do pesquisador.

Como base teórica, este estudo utiliza o conceito de representação, dialogando com autores como Hall (2016), Ginzburg (2001), Chartier (2002) e Berger (2023), que nos ajudam a pensar de que maneira foram construídas, quais discursos mobilizaram e com que intenções se inseriram na cultura popular, sejam elas através do humor (Saliba, 2002; Bergson, 1983) ou em algumas singularidades do moderno em revistas (Velloso, 2010; 2015). Para isso, uma das etapas consistiu em reunir todo o material: localizar e compilar os exemplares digitalizados da revista disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Neste processo, foi mapeado as representações dos povos indígenas, catalogando os conteúdos textuais (reportagens, crônicas, contos) e visuais (caricaturas, charges, fotografias, ilustrações), buscando identificar padrões, ocorrências e estereótipos (Knauss, 2006) dentro de três categorias de análise: simbolismo nacional, civilização e o exótico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo tem evidenciado que a revista *O Malho*, em suas distintas fases editoriais ao longo dos anos, precipitou diferentes tipos de representações dos povos indígenas, a partir da conjuntura política, de temporalidade e práticas sociais. Trata-se de uma ambivalência de representações, valores e ideias, criadas e popularizadas por intelectuais do ofício gráfico do século XX. Outro aspecto importante, é que o exame da revista, de sua materialidade e da relação de difusão naquela conjuntura temporal, explica que os indígenas tinham um lugar de figuração complexa e situacional, ora oscilando entre o papel de símbolos nacionais (capas, charges, crônicas e sátiras) que nada tinha relação com o indígena real, ora em regimes verbos-visuais (fotorreportagens, curiosidades, industrialização e território) que refletiam o que se entendia como civilização e esperava para essas populações, a partir de 1930 a 1953.

Dessa relação dialógica, a revista também dedicou um espaço considerável à cobertura jornalística das missões religiosas (especialmente salesianas), da atuação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e de determinadas tensões decorrentes da catequese. De modo geral, a perspectiva editorial sobre os povos indígenas em *O Malho* era ambígua, variava entre o elogio à catequese como forma de “progresso”, em ilustrações humorísticas como estratégia de sátiras políticas, mas também pela crítica governamental relacionadas aos recursos financeiros destinados aos trabalhos de assimilação dessas populações.





Também chama a atenção como o impresso assegurava certos tipos de representações pela ordem do exótico, como forma de preencher colunas literárias, de entretenimento e de variedades. O impresso incorporava aspectos de diferentes culturas globais em suas publicações, com base na influência de outras revistas e de estudos científicos, inspirado pelo circuito de ideias e imaginários da época, sobretudo os das culturas indígenas. Por esse motivo, séries de lendas, contos e curiosidades sobre costumes (alimentação, rituais etc.), além de reportagens fotográficas, destacavam elementos do mundo selvagem, pitoresco e dos mistérios de territórios ocupados por essas populações, pouco acessados. Nesse intercâmbio de significados e de ideias civilizatórias e moralmente religiosas, *O Malho* colaborava com a corrente de pensamento e com a construção de sentidos sobre as culturas indígenas junto ao leitorado urbano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações prévias, o trabalho, até o momento, conclui que a representação dos povos indígenas na revista *O Malho* (1902-1953) foi um processo dinâmico e multifacetado, ligado às suas distintas fases editoriais e ao contexto sociopolítico republicano. Em sua primeira fase (1902-1918), por exemplo, marcada pela sátira política, a figura do indígena foi articulada como alegoria nacional para a crítica política e das políticas indigenistas. Após a censura provocada pela Revolução de 1930, ocorreu a primeira virada editorial, quando suas representações enquanto figura nacional desapareceram, dando lugar a representações nos âmbitos literário (lendas, contos e crônicas), cultural (costumes, história e território), etnográfico (trabalhos em campo, fotorreportagens e notícias) e na propaganda nacionalista da Era Vargas, que buscava integrá-los ao mundo do trabalho.

Tudo isso revela que *O Malho* foi um espaço de construção de imaginários editoriais sobre o indígena, educando o olhar de seus leitores e mostrando que a imprensa, ao mesmo tempo que levava informação, possibilitava a construção de sentidos, sendo crucial na educação visual de um leitorado majoritariamente analfabeto. Por fim, a relevância social da pesquisa consiste em historicizar a trajetória dos estereótipos, humor e das apropriações gráficas da imprensa nacional, oferecendo caminhos críticos para compreender, inclusive, a persistência desses elementos dialógicos nos debates contemporâneos sobre identidade e representação.

5. AGRADECIMENTOS/ AGÊNCIA DE FOMENTO





Primeiramente, à Universidade Federal de Uberlândia, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Educação, pela oportunidade de formação. À Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, pelo rico acervo e pela acessibilidade. A todos que participaram, direta ou indiretamente, da pesquisa, contribuindo para o processo de aprendizado e incentivo. À minha orientadora, Raquel Discini de Campos, pela generosidade, constante atenção, dedicação e amizade, bem como à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos de mestrado – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (orgs.). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BERGER, John. **Modos de Ver**. São Paulo: Editora Fósforo, 2023.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.

CAMPOS, Raquel Discini. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 28, p. 45-70, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2016.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, v. 8, n. 12, p. 97-115, 2006.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos: trajetórias e perspectivas analíticas. In: PINSKY, C. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

O Malho, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/O-malho/116300>. Acesso em: 4 mar. 2025.





SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VELLOSO, Monica Pimenta. As distintas retóricas do moderno. *In*: OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revistas**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

VELLOSO, Monica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**: Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: Editora KBR, 2015.

